

Especial

Geração NoMo

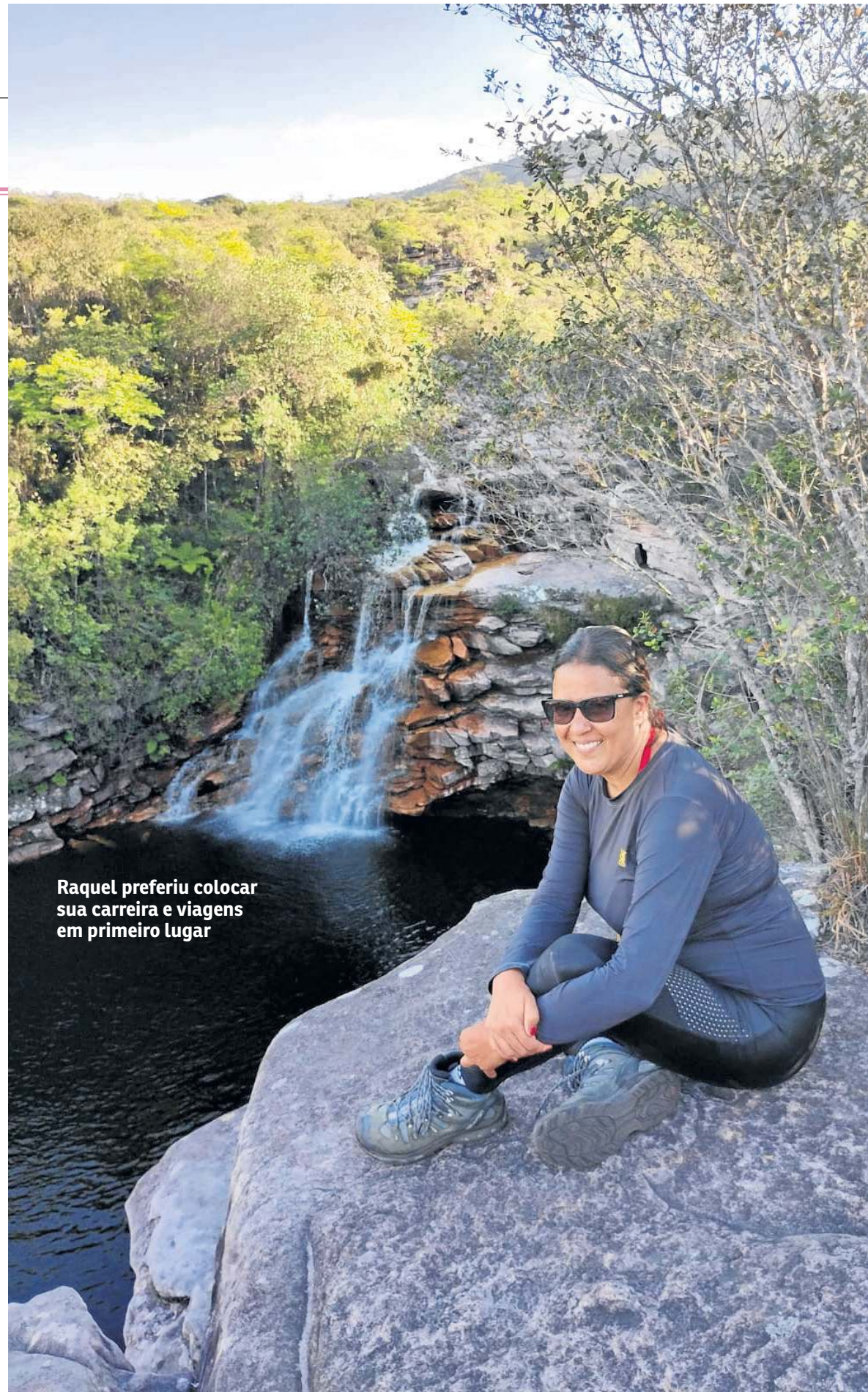
Após a Segunda Guerra Mundial, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho formal, a sociedade passou por mudanças significativas na divisão de funções por gênero. De acordo com a socióloga Silvia Muiramomi, a maternidade, que sempre foi vista como uma garantia de sobrevivência coletiva, começou a ser tratada como um obstáculo. “A sociedade foi colocando a maternidade como um impedimento, e as mulheres foram se conformando aos novos padrões de produtividade e trabalho.”

Essa resistência, segundo ela, também está associada à luta contra o patriarcado e à busca por direitos e liberdade das mulheres sobre seus corpos e suas vidas. “Optar por não maternar é, de certa forma, um posicionamento político de enfrentamento aos papéis de gênero rígidos impostos pela sociedade patriarcal”, ressalta.

O movimento NoMo (not mothers), que vem ganhando força, está, de acordo com a socióloga, diretamente relacionado à insegurança social e econômica. “Com o cenário de emergência climática e a ideia de escassez de recursos, cresce a sensação de vulnerabilidade. Tenho ouvido mulheres jovens afirmando que não querem ser mães porque as expectativas de uma vida feliz para as crianças no futuro são muito reduzidas”, analisa.

Além disso, as mulheres que escolhem não ser mães, muitas vezes, buscam maior estabilidade econômica e profissional. “Ao evitar a maternidade, elas conseguem focar suas energias em suas carreiras, rompendo com a bolha da vulnerabilidade econômica que ainda afeta muitas mulheres.”

A socióloga destaca ainda que a pressão para ser mãe mudou, mas não desapareceu. “Hoje, o adiamento da maternidade é regra. A mulher precisa se estabilizar financeiramente, conhecer o mundo, adquirir bens e só então se aventurar na maternidade. Antes, a família era



Raquel preferiu colocar sua carreira e viagens em primeiro lugar

uma força que impulsionava para o mercado de trabalho e construção de patrimônio. Agora, a maternidade só é cogitada após a conquista da estabilidade financeira”, reflete.

Silvia também alerta para o impacto da

diminuição de nascimentos na estrutura familiar e social. “O número de idosos vem crescendo, enquanto a proporção de jovens diminui. Em breve, isso impactará a previdência social e a assistência aos idosos que não têm filhos. Precisamos repensar o papel da maternidade e reconhecer seu valor para a sociedade”, pondera Silvia.